

Estado da publicação: O preprint foi publicado em um periódico como um artigo
DOI do artigo publicado: <https://doi.org/10.1590/1678-460x202339355180>

Motivações toponímicas: O ato de nomear bairros populares nas periferias em Angola

Dinis Fernando da Costa, Hilton Fortuna Daniel

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3570>

Submetido em: 2022-02-04

Postado em: 2022-02-07 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

<https://doi.org/10.1590/1678-460x202255180>



Motivações toponímicas: O ato de nomear bairros populares nas periferias em Angola
Toponymic motivations: The act of naming popular districts in the Angolan periphery

*Dinis Fernando da Costa*¹

*Hilton Fortuna Daniel*²

Resumo

Este trabalho toponímico da subcategoria da onomástica tem como objetivo investigar a natureza e a motivação do ato de atribuir nomes não oficiais a bairros desenvolvidos em zonas periféricas no período pós-independência, isto é, de 1976 a 2016. O trabalho é o primeiro de um projeto contínuo e avalia um *corpus* de 34 bairros selecionados em 10 províncias de Angola, com particular destaque para a capital, Luanda. O estudo, que prevalece numa área ainda subdocumentada em Angola, demonstra como o ato de nomear topónimos nas várias cidades do país é caracterizado neste período de pós-independência. Os resultados revelam nomes decorrentes de contextos causa-efeito que refletem uma vivência precária, do ponto de vista social e económico, o que nos leva a acreditar que a guerra civil, que durou 27 anos, tem sido determinante para que, com base nas motivações dos próprios fundadores, se nomeiem os bairros de cariz popular.

Palavras-chave: toponímia, bairros, nomes espontâneos, Angola

¹Instituto Superior Politécnico Gregório Semedo. Namibe-Angola. <https://orcid.org/0000-0002-6738-6337>. E-mail: dinis.costa@igs.ed.ao / ddacosta212@gmail.com.

² Universidade do Namibe (UNINBE). Namibe – Angola. <https://orcid.org/0000-0002-7673-3011>. E-mail: hiltondaniel2014@gmail.com.

Abstract

This article focuses on toponyms, which is a sub-field of onomastics, and aims to explore the nature and motivations behind giving spontaneous names to settlement districts located in the outskirts of Angola. Such districts developed in the post-independence period, particularly between 1976 and 2016. It is the first work of an on-going project and it explores a corpus of 34 districts, selected from 10 provinces of Angola, with a focus in its capital, Luanda. The study was carried out in a sub documented area in Angola and shows how naming is characterized in the post-independence period. The results reveal that names materialize from spontaneous contexts and reflect a precarious experience, from a social and economic point of view. This leads us to believe that the civil war, which lasted 27 years, has greatly influenced the naming of districts in the outskirts of Angola, as their names seem to have been chosen based on the motivations of their founders.

Keywords: toponymy, districts, spontaneous names, Angola

1. Introdução

No período pós-guerra civil, tem sido comum a renomeação de nomes populares em vários casos motivados pela requalificação urbana distrital. É o caso, por exemplo, dos topónimos Bairros de Bagdad e Iraque, em Luanda, ambos renomeados em 2009 por Decreto Presidencial. Ou o topónimo designado por Mercado Roque Santeiro, atribuído em homenagem à novela brasileira com o mesmo nome, que teve muito sucesso em Angola. O mercado foi, outrora, considerado o maior informal da África Austral e foi oficialmente batizado com o nome de Mercado Popular da Boavista, nome menos usual e conhecido pela maioria dos cidadãos.

Deste modo, este trabalho estuda os topónimos de carácter popular ou espontâneo, assim também conhecidos, que emergiram num período extensivo, entre 1976 e 2016, o qual aporta também conflitos políticos que culminaram numa guerra civil e suas respetivas consequências. A pesquisa tem como objetivo investigar a natureza e a motivação dos atos de

atribuir nomes não oficiais a bairros localizados nas periferias, nos assentamentos informais ou ainda nos musseques¹, assim, também, designados oficialmente.

O nosso interesse deve-se ao fato de, segundo Carvalhinhos (2012), o nome possibilitar a reconstrução de uma história (linguística, geográfica, dialetológica, física ou cultural, enfim, uma história humana) paralela à oficial, por outros meios, mas nem por isso menos relevantes. E por ser também uma memória afetiva, responsável pelas raízes individuais e coletivas da população (Dick, 2004) uma vez que o levantamento e a análise dos antropónimos *ou topónimos* possibilitam resgatar a memória cultural e sócio-histórica das comunidades, trazendo à tona factos e ocorrências, muitas vezes, esquecidos (Seabra et al., 2016, *nosso grifo*). Como Faggion e Misturini (2014, p. 152) apuram, “temos exemplos [...] de esquecimentos em casos de substituição de topónimos” ou melhor, “em permanecendo, o topónimo preserva elementos de uma cultura antiga, de tempo em que ocorreu o ato de nomear” (Faggion & Misturini, 2014, p. 145). Daí a razão de preservá-los como arquivo histórico mesmo após a renomeação ou extinção por requalificação urbana como tem sido com os nomes de origem não oficial.

A base teórica da nomenclatura espontânea deste trabalho está sustentada em Carvalhinhos (2012), Handcock (2011), Cumbe (2016), Helleland (2002) e Oliveira e Isquierdo (2017). O estudo tenta, especialmente, responder a uma única questão: que aspectos caracterizam os nomes dados a bairros em zonas periféricas em algumas cidades de Angola?

2. Estudos toponímicos

A Toponímia, como ciência, tem despertado o interesse de vários académicos nos ramos da Antropologia, Linguística, Sociologia, História, Historiografia, Etnologia, entre outros. Estudos no ramo da toponímia, como disciplina científica, têm uma longa data de existência. Dick (1992, citado por Martins & Sousa, 2017) indica que teve início por volta de 1878, em França, onde foi introduzida na *Ecole Pratique des Hautes-Etudes* e no Colégio de França, por Auguste Longon. Em contraste, Tentand e Blair (2009) apontam para 1913, data em que

¹ O vocábulo ‘musseque’ também ‘museke’ deriva do quimbundo, uma das línguas nacionais de Angola com maior número de falantes, com predomínio nas províncias de Luanda, Bengo, Malanje e Cuanza Norte, cujo significado, entre outros, é “areia grossa, terra saibrosa” (Cf. Junior, 1967, p. 317).

Namn och bygd foi publicado em Uppsala, e 1938, em que o primeiro Congresso da Ciência da Onomástica (abreviado ICOS, sigla em inglês) ocorreu, enquanto 1949 marca a data do terceiro Congresso.

Resulta daí a explicação de Sousa (2010), para quem o caráter pluridisciplinar do signo toponímico constitui um meio para conhecer a) a história do(s) grupo(s) humano(s) que viveu ou viveram na região, b) as características físico-geográficas da região, c) as particularidades socioculturais do povo (o denominador), d) extratos linguísticos de origem diversa da que é utilizada contemporaneamente, ou mesmo línguas que desapareceram e, por último, e) as relações estabelecidas entre os agrupamentos humanos e o meio ambiente.

3. Nomes espontâneos

Em fenômenos de surgimentos de novos bairros, especialmente de caráter suburbano e até mesmo urbano, é típico a denominação ser feita por populações que se identificam como fundadoras do bairro, os primeiros habitantes, por um lado, e aqueles bairros concebidos de uma maneira formal, isto é, com consentimento das autoridades governamentais, por outro lado.

Neste sentido, Helleland (2002) salienta que o processo de atribuição de nome a um topónimo segue dois sentidos, aquele que chamamos de espontâneo ou popular e batismo. Na sequência, este autor argumenta que “na generalidade, os nomes dados hoje a lugares pertencem ao primeiro grupo, isto é, nomes espontâneos, e derivam de um processo de lexicalização que principia com a descrição do objeto que acarreta tal nome” (Helleland, 2002, p. 3). O fato de o autor ressaltar a denominação popular ou espontânea como a mais popular, não só válida e legítima como também posiciona a sua pertinência na caracterização de topónimos ao lado daqueles de caráter sistemático.

Handcock (2011) considera os nomes espontâneos como aqueles que as populações comuns tais como homens, mulheres e mesmo crianças denominam durante o período de ocupação, atividade de trabalho ou diversão na área, para o uso coletivo. Igualmente, Oliveira e Isquierdo definem “nomes espontâneos como nomes que provêm de alguma influência do espaço físico ou antropocultural nascida no seio da população” (2017, p. 61).

É de notar que esses “nomes diferem dos nomes oficiais ou da toponímia urbana em que questões políticas e relações de poder estão mais explícitas, quando ruas são nomeadas com nomes de autoridades civis, militares, por exemplo” (Oliveira & Isquierdo, 2017, p. 61).

Contudo, atente-se que:

os nomes impostos pelas autoridades são chamados de estatutários (nomes ditados pela lei) e os autores são em geral conhecidos, enquanto a origem dos nomes criados por pessoas de comunidades locais é geralmente difícil de determinar porque tais nomes geralmente vivem na oralidade por longos períodos antes de serem escritos e usados nos mapas, comunidades ou sinais de estradas. (Handcock, 2011, p. 2)

Handcock levanta aqui uma questão que merece ser realçada, ao delinear os autores (aqueles que participam da denominação de topónimos), partindo de duas perspectivas: nomeação não planejada e nomeação planejada ou legítima. Sendo que a primeira se trata da voz da população ordinária, a segunda remete para a voz estadual ou soberana. Deste modo, para patentear o papel de cada tipo de designação, Carvalinhos complementa dizendo que:

são instâncias diferentes: podemos opor espontâneo ao não espontâneo quanto ao processo de nomeação, e aqui falamos do ato discursivo e de como o nome figura no discurso para, posteriormente, se fixar no topónimo. As espontaneidades ou não espontaneidade na denominação dizem respeito ao próprio processo cognitivo pressuposto no percurso gerativo de uma denominação, revelando, em sua essência semântica, traços do ambiente retratado de acordo com a visão de mundo do homem denominador, cujo interesse fica impresso no léxico toponímico. (Carvalinhos, 2012, p. 10)

A apreciação de Carvalinhos resume-se, em prática, na divergência entre aqueles que tomam a perspectiva da denominação sistemática contra os que inclinam para a vertente popular em termos de destaque de cada uma. A esse respeito a autora esclarece a vivência paralela das duas formas. Nesta linha de raciocínio, Dick (1990, p. 49) considera haver “um consenso entre os toponimistas em pesquisar as origens da denominação em duas linhas principais, uma, reputada espontânea ou popular [...] outra, conhecida como sistemática ou oficial”. No intuito de revelar o papel dos topónimos espontâneos em termos de funcionalidade, Cumbe propõe que:

Spontaneous names in the suburbs allow city dwellers to express themselves by the social act of inscribing toponymy. More than just names, the unofficial names have many functions or

meanings, which are not necessarily linked to place names proper. [...] and for instance, these names may warn against the danger of theft or rape-such as 'Cross Running Street', Armed People Street'. (Cumbe, 2016, p. 200)

Com efeito, o autor aponta ainda para um aspecto muito importante que particulariza e distingue os nomes espontâneos de outros, também demonstra como esses nomes estão simbolicamente ligados às vivências das populações. De modo a evidenciar a importância dos topónimos espontâneos e como os mesmos convivem lado a lado com os nomes oficiais, Cumbe salienta:

It should be noted that toponymic informality does not seek to replace, and much less compete, with the official naming system. On the contrary its simultaneous existence seeks to consolidate and highlight contemporary history, together with everyday reality and spatiality of the city dwellers. (Cumbe, 2016, p. 195)

Na mesma perspetiva, para Carvalinhos (2012, p. 10), “a oficialidade ou o paralelismo diz respeito ao tratamento administrativo dado ao nome e ao seu uso social. Não significa, contudo, que um topónimo oficial seja o indicado ou o ideal para compor, no discurso, a função toponímica”. Isto deve-se à “importância que se reveste como fonte de conhecimento, não da língua falada na região em exame, como também de ocorrências geográficas, históricas e sociais, testemunhadas pelo povo que a habitou, em carácter definitivo ou temporário” (Dick, 1980, p. 291).

Retomamos a proposta apresentada por Handcock (2011), segundo a qual uma das importantes características de nomes atribuídos pela população é que tais são partilhados, isto é, tornam-se nomes da comunidade independentemente de quem as denominou logo no princípio. É evidente que a maioria das populações residentes em zonas periféricas tem partilhado experiências de emoção e orgulho no facto de os nomes constituírem fatores de identificação, apesar de alguns estarem associados à negatividade, por exemplo, àqueles que incitam violência, como 'Bairro da Facada' ou estereótipos, como 'Mercado das Mulheres', sendo o primeiro no Namibe e o segundo em Luanda. Com isso, queremos acreditar que a estrutura toponímica dos nomes sob estudo carrega uma mensagem importante em relação à motivação sociocultural e histórica.

4. Nomes de lugares urbanos

Vistos como símbolos carregados de significados, os topónimos urbanos (urbanónimos) fazem parte da identidade coletiva de uma comunidade e, por isso, refletem as marcas do saber cultural e histórico deixado no espaço onde foram inseridos (Seabra et al., 2016). Do mesmo modo, Basik (2020) aponta que os topónimos urbanos espelham e absorvem todos os aspectos da existência humana, incluindo político, económico e complexidades culturais. Nesta linha de raciocínio, Abramowicz e Dacewicz (2009) consideram que os urbanónimos são crónicas da história de um determinado território e seus habitantes. Destacam ainda que são evidências cruciais de mudanças que ocorreram ao longo de muitos anos.

As perspetivas dos académicos, nesta secção sobre urbanónimos, merecem muita atenção, as quais nos fazem perceber a importância de urbanónimos na vida das populações afetadas. Neste caso, por exemplo, conforme argumenta Carvalhinhos (2012, p. 3) “fazem-nos perceber fenómenos e características da toponímia urbana” de algumas cidades de Angola, por um lado, e indicam a multidimensionalidade que acarretam em termos da sua posição na paisagem urbana. De um modo geral, o urbanismo explica, com muita propriedade, os motivos de a cidade/metrópole possuir essa característica de “colcha de retalhos” e cada bairro assemelhar-se a um pequeno núcleo praticamente autónomo dentro de outro maior, e, assim, tem-se a sensação de perceber inúmeras pequenas cidades reunidas por grandes artérias (Carvalhinhos, 2012).

Devemos ressaltar aqui a semelhança do estudo de Carvalhinhos (2012), intitulado "Instituto Previdência, São Paulo: Memória(s) e Topónimos" com este, apesar das diferenças relativas ao espaço, tempo e contexto, motivações toponímicas do ponto de vista dos denominadores. Do ponto de vista metodológico, ambos os trabalhos enfrentaram os desafios de (1) evidenciar-se carências de limites claros para os bairros, em termos territoriais (Carvalhinhos, 2012), (2) haver reduzido material (arquivo) formal que aborda os topónimos sob estudo e (3) ter-se socorrido aos moradores (antigos), administrações etc., para obter a informação necessária sobre os bairros, de um modo geral. A secção seguinte explica de uma forma mais detalhada a caracterização dos bairros em estudo.

5. Caracterização social dos bairros em estudo

A guerra civil de Angola, que teve início em 1975 e terminou em 2002, para além de criar vários problemas com maior destaque aos de carácter sócio-económico, também, segundo Vicente (2015), fez com que a toponímia de Angola sofresse um desvio, sendo que é difícil agora explicar e justificar a verdadeira identidade onomástica neste caso associada à cultura do seu povo.

O fluxo de populações oriundas de zonas de conflito (nos interiores do país) contribuiu grandemente para o crescimento desordenado de bairros suburbanos periféricos nas cidades de Angola. A situação criou desafios de várias ordens aos administradores públicos, visto que os mesmos se alastram rapidamente, ao ponto de serem chamados de "*bairro(s) elástico(s)*", emprestando um termo cunhado por Carvalhinhos (2012, *nosso grifo na pluralização*).

Estes bairros são nomeados pelas populações sem consentimento das administrações locais. Para além de não possuírem placas de sinalização que indiquem os nomes, também, no seu interior, as ruas não têm nada que as identifiquem como tal. Em muitos casos, são identificadas por ponto de referências que as marcam, por exemplo, uma casa com cor ou tamanho diferente das demais, um poste de luz, uma árvore ou que seja algo sobressalente memorizado pelos moradores ou os que aí transitam, pelo que, muitas vezes, apenas os membros das próprias comunidades são capazes de as identificar. Essa caracterização parece-nos ser comum em bairros recentes, ademais, no trabalho de Carvalhinhos (2012) foram identificados os mesmos problemas.

6. Metodologia

O estudo é composto por um *corpus* de 34 bairros de zonas periféricas (Quadro 1, no final desta secção). Os dados enquadram-se num período de quarenta anos, isto é, desde 1976 até 2016 e, sendo este um dos critérios para a seleção dos nomes, o outro prende-se com o carácter de não oficialidade. Os nomes foram seleccionados em 10 das 18 províncias de Angola, sendo evidente o predomínio de Luanda, capital de Angola, conforme nos dados do quadro. Isto deve-se ao facto de ser a província mais populosa, com uma população estimada em 7 milhões, dos 28 milhões de habitantes do país, de acordo com os resultados do Censo de 2014, embora os dados recentes (não oficiais) apontem para quase 11 milhões. Outra razão está no facto de ser a província que mais cresceu com os bairros devido à guerra civil, tendo

sido a região que mais acolheu populações (refugiadas) oriundas de outras províncias durante e depois da guerra.

Para a recolha de dados, foram consultados antigos moradores, coordenadores de bairros, chefes de comissões de bairros, funcionários das administrações públicas, arquivos e referências obtidas a partir de *sites* disponibilizados na internet. Além da pergunta de partida, outras questões como ‘quando surgiu o bairro, o que motivou o batismo do topónimo e que circunstâncias estiveram na base da origem?’ serviram de diretrizes que conduziram o trabalho à análise dos dados. Cabe sublinhar que, para facilitar a análise, os nomes foram agrupados em 8 temas, competindo, para a apuração das causas denominativas, o uso do método descritivo na vertente sócio-histórica.

O Quadro 1 mostra a descrição dos topónimos conforme: nome do bairro, sua localização, data aproximada de batismo, origem do nome e campo associativo.

Quadro 1 – Bairros periféricos

Nome do bairro	Província/Município	Data estimada de batismo	Referência/Origem
Bairro a Luta Continua	Luanda	1976/80	<i>Divisa política do MPLA</i>
Bairro Bagdá	Namibe/Moçâmedes	2001	<i>Caos/Precariedade</i>
Bairro Bela-vista	Namibe/Moçâmedes	2001	<i>Vista alta/cidade</i>
Bairro Belo-monte	Luanda/Cacuaco	2010	<i>Zona alta/cidade</i>
Bairro Bênção de Deus	Luanda/Cacuaco	2005	<i>Religiosidade/Fé</i>
Bairro Boa- esperança	Namibe/Moçâmedes	2004	<i>Religiosidade/Fé</i>
Bairro Baixa Cassanje	Luanda/Viana	2000	<i>Efeméride, genocídio perpetrado pelo colono contra camponeses angolanos.</i>
Bairro Boa-fé	Luanda/Viana	2010	<i>Religiosidade/Fé</i>

Bairro do Cemitério	Uíge/Uíge	1990	<i>Adstrito/antigo cemitério</i>
Bairro Casa-branca	Luanda/Viana	2010	<i>Popular/Contextual</i>
Bairro Cinco-fios	Luanda	2010	<i>Poste de energia local</i>
Bairro da Fofoca	Luanda/Viana	2004	<i>Popular/Contextual</i>
Bairro do Partido	Luanda/Belas	2010	<i>Popular/MPLA</i>
Bairro 11 de Novembro	Luanda/ Cacuaco	2000	<i>Efeméride, Independência de Angola (1975)</i>
Bairro do Retornado	Moxico/Luau	2002	<i>Reassentamento /migrantes</i>
Bairro Paraíso	Luanda/Viana	1999	<i>Reassentamento/Esperança</i>
Bairro Passa-bem	Lunda Sul/Saurimo	2000	<i>Ravinas/Contextual</i>
Bairro Passa-fome	Moxico/Luena	Inícios de 2000	<i>Popular/Contextual</i>
Bairro da Paz	Luanda	2002	<i>Cessar da guerra</i>
Bairro dos Rastas	Luanda/Kilamba Kiayi	2005	<i>Comunidade Rastafári</i>
Bairros Sinai Velho e Novo	Moxico	1990	<i>Religiosidade/Fé</i>
Bairro da Somália	Namibe	2012	<i>Caos/Precariedade</i>
Bairro Terra-vermelha	Luanda/Maianga	1995	<i>Popular/Contextual</i>
Bairro Terra-branca	Luanda/Cacuaco	2010	<i>Popular/Contextual</i>
Bairro Tira-pistola	Luanda/Cazenga	1986	<i>Contexto Específico</i>
Prédio da Chechênia	Luanda/Rangel	1995	<i>Caos/Precariedade</i>
Bairro 28 de Agosto	Luanda/Kilamba Kiayi	2000	<i>Efeméride ex-Presidente</i>
Bairros das 27 e das 16	Lunda-Norte/ Dundo	2000	<i>Número de casas</i>
Bairro da Lixeira	Benguela/Benguela e	1995 e 1998	<i>Precariedade/Lixo</i>

Luanda/Sambizanga			
Bairro dos Ossos	Luanda/Sambizanga	1990	<i>Ossos do talho/descartados</i>
Bairro a Resistência	Cabinda/ Cabinda	1990	<i>Mensagem de guerrilhas</i>
Bairro a Vitória É Certa	Cabinda/ Cabinda	1990	<i>Divisa do MPLA</i>
Bairro Boa-vida	Cuando Cubango/ Menongue	2010	<i>Esperança</i>
Bairro Banda-velha	Cuando Cubango/ Menongue	2000	<i>Antiguidade</i>
Bairro Saber-andar	Cuanza Sul/Sumbe	2010	<i>Esperança</i>

Fonte: Elaborado pelos autores.

7. Discussão

No quadro 1 é notável uma variedade de motivos que deram origem ao nome dos topónimos analisados. Sem tentar descurar a estrutura apresentada, em termos de caracterização dos topónimos, e para facilitar a análise dos dados, agrupámo-los em 8 temas: (i) topónimos associados a designações de cidades ou lugares estrangeiros, (ii) topónimos associados a efemérides e lemas do partido político no poder desde a Independência Nacional (o MPLA), (iii) topónimos associados à religiosidade e moral, (iv) topónimos associados a condições socioeconómicas e precariedade das populações, (v) topónimos associados ao bem-estar e tranquilidade, (vi) topónimos associados à beleza da paisagem e caracterização do solo, (vii) topónimos associados à violência, estereótipos e sexualidade, (viii) topónimos associados a numeração. Ressaltamos que alguns topónimos que não podem ser categorizados nas classificações criadas foram avaliados e enquadrados na secção "outros topónimos".

Topónimos associados a designações de cidades ou lugares estrangeiros

Um dado significativo revela que as motivações que estiveram na base desta nomenclatura são muito parecidas para todos os bairros relacionados com esta temática: caos e total anarquia tal qual essas cidades eram caracterizadas nos períodos de guerra. No caso do Bairro Bagdá, a associação ao caos decorre da invasão ao Iraque pelas forças aliadas, incluindo os Estados Unidos da América, Reino Unido, etc. A Chechênia remete para o caos associado à

invasão da Rússia e o Bairro Somália, pelos conflitos internos que ainda prevalecem naquele país. O bairro Bagdá, na província do Namibe, hoje semiurbanizado e com aspecto menos caótico, surgiu como um espaço baldio ocupado pelas populações desalojadas pelas inundações de 2001 que ocorreram na cidade de Moçâmedes. A falta de paz, sossego, energia elétrica, água, atenção de governantes, moradores a viver em tendas, deixados à sua sorte, a falta de apoio social e o afastamento do centro urbano motivaram que, alegoricamente, a população começasse a designar aquele aglomerado como Bagdá, evocando a história de guerra, pavor, caos, sofrimento, dor, abandono, morte, desesperança em que esteve submerso o Iraque (nome que, pelas mesmas circunstâncias, designou um bairro, renomeado em 2009, em Luanda). Como foi dito, as motivações que deram origem a esses bairros são semelhantes, caracterizadas por total precariedade em todas as esferas sociais que leva as populações a viver sem esperanças de um dia superar tais condições.

Algo que suscita muita atenção é o contraste de o topónimo Casa-branca, em vez de remeter para uma imagética de poder, de condições sociais e económicas prósperas, estar paradoxalmente associado à precariedade. Obviamente é perceptível, visto que, quando as populações começam a habitar esses bairros e o batizam, o fazem na perspetiva de viver em melhores condições do que anteriormente. Isso é também patente noutros topónimos cuja descrição, abaixo, apresenta a mesma linha de análise obtida das respetivas realidades, particularmente os associados à religiosidade.

Topónimos associados a efemérides e lemas do partido político no poder

Regra geral, os topónimos que evocam datas comemorativas remetem sempre para o imaginário e os simbolismos relativos ao partido político (Movimento Popular de Libertação de Angola) que está no poder desde 1975, tendo como exemplo os bairros 28 de Agosto, A Luta Continua, A Vitória, Partido é Certa e dezenas destes não apresentados aqui. O primeiro, 28 de Agosto, é uma alusão à data de aniversário do antigo presidente de Angola, José Eduardo dos Santos. O segundo e o terceiro são referentes ao lema do partido político com o qual, de uma ou de outra forma, eternizando uma divisa, desde a luta pela independência, o MPLA tem vinculado permanentemente a sua ideologia de viés marxista. Já o Bairro Partido, tendo emergido do termo "partido", com carácter de unicidade, que, em Angola, se tornou um nome próprio, devido ao simbolismo e toda a construção semiótica à volta de um ideário nacional na órbita do MPLA, de tal modo que, mesmo havendo diversos partidos políticos, o

uso do termo "partido", sem um determinante ou especificador, remete, imediata e habitualmente, para apenas um referente. Quanto ao topónimo "Bairro 5 de Abril", o nome surgiu em homenagem a um bairro homónimo onde este se situa. No entanto, a primeira referência ao nome, originou-se de circunstâncias de calamidade natural, sendo que muitos dos atuais habitantes viviam nos bairros "Nação Tchinducto" e "Eucaliptos", ambos localizados na faixa costeira da cidade, os quais sofreram, a 5 de abril de 2001, uma inundação sem precedentes. Disto, terá surgido a necessidade de migração para um terreno quase baldio ao qual designariam "Bairro 5 de Abril", em memória àquela data.

Há ainda por destacar o 'Bairro Baixa de Cassanje', designação atribuída a dois bairros em Angola, um dos quais na província de Luanda. O nome tem a sua origem no geónimo "Baixa de Cassanje", uma região localizada na província de Malanje, que foi palco de um dos maiores massacres perpetrados pelo regime colonial português, a 4 de janeiro de 1961, contra os camponeses que trabalhavam na lavoura do algodão. As populações deste bairro enfrentam vários problemas sociais, em decorrência disto, alguns moradores mais novos (não-fundadores) chegam a fazer comentários como o seguinte: *«vivemos como se fosse um massacre. Acho que o nosso azar é terem apelidado este bairro de Baixa de Cassanje. Aqui vivemos como se fosse um massacre. O governo massacra-nos todos os dias com a falta de quase tudo»* (Novo Jornal Online, 15/01/2018).

Para concluir esta subcategoria, consideremos o Bairro 11 de Novembro, em referência a 11 de Novembro de 1975, data da Independência de Angola. Constatamos também que a efeméride referente ao "11 de Novembro" designa inúmeros bairros, escolas, ruas, centros de saúde, estádio de futebol, etc., sendo os mais relevantes os bairros 11 de Novembro, em Luanda (nos municípios de Cacuaco e Cazenga), na província de Benguela, no município do Saurimo (província da Lunda Sul) e em Mbanza Congo (província do Zaire).

Topónimos associados à religiosidade e à moral

Importa destacar que a maioria dos topónimos recolhidos pertence a esta subcategoria, o que não pode constituir um facto surpreendente, visto que as realidades ásperas resultantes da longa guerra civil suscitaram e alimentaram o desejo platónico e indeclinável do culto a uma entidade que ocupasse um lugar de proeminência, de fé inabalável, o que teria permitido o surgimento de muitas igrejas no país. Deus "cristão" representaria aqui a única solução para o

fim da guerra, do sofrimento, a esperança concretizável além do alcance humano. Ele seria a única entidade capaz de reestabelecer a justiça, paz e prosperidade, um ente em quem pudessem confiar. Como resultado, muitos bairros com o campo associativo de religiosidade emergiram para assinalar esperança e prosperidade de vida das populações. Este exemplo confirma-se com o Bairro Paraíso, que serviu de acolhimento aos refugiados de guerra saídos das várias províncias como o Huambo, Bié, Benguela, Cuanza Sul, entre outras. O nome emergiu de um contexto em que os habitantes consideravam aquele terreno baldio uma segunda vida, vida nova, repleta de esperança para quem fugia de uma guerra civil e fratricida. Hoje, tornou-se evidente a extrema miséria dos habitantes do bairro, em contrassenso com a referência que o nome suscita, dos mais pobres e precários de Luanda, com elevado índice de assassinatos, delinquência e carências básicas como Transporte, Saúde, Saneamento e Educação.

A situação do anterior bairro é similar ao do Bairro Boa-esperança, havendo este último no Namibe e em vários outros pontos de Angola como no município do Cazenga, em Luanda, distrito do Kikolo (Bairro Boa-esperança 1) e no município de Cacuaco, também na província de Luanda (Bairro da Boa-esperança 3). O nome terá surgido devido ao fato de os seus primeiros habitantes serem originários de zonas de Luanda cujas casas estavam sob risco de desabamento. O paradoxo entre as designações associadas à religiosidade, esperança e fé atribuídas aos bairros e às realidades diárias constantes afigura-se uma espécie de "marca de Caim" nas vivências dos habitantes.

Paralelamente, os sentidos já referidos são enquadrados também nos nomes dos bairros Bênção de Deus e Boa-fé, cuja origem decorre do mesmo prospecto, com a mesma configuração, a de um novo começo, uma esperança sob um olhar ou proteção divina, o que dá às populações absoluta esperança onde o horizonte está sempre dependente de uma divindade (cristã).

Nesta classificação, apresentam-se dois topónimos que sugerem (i)moralidade, o Bairro Saber-andar e o Bairro das Fofocas. No primeiro, sendo de caráter positivo, a expressão 'saber andar', presente em discursos folclóricos e aforismos proferidos por anciãos, decorre da sabedoria popular que visa estabelecer o equilíbrio da moral africana e advertir para a boa conduta social como sinônimo de serem evitados problemas e crescer os anos de vida na terra, ou seja, pretende-se um preceito moral como base da vida em comunidade. No segundo,

de caráter negativo, terá surgido do facto de alguns dos moradores, habitualmente, fazerem comentários e intrigas sobre a vida de outrem, tendo ficado assim batizado devido às circunstâncias expressas pela própria designação.

Topónimos associados a condições socioeconómicas e precariedade das populações

Não são raros os topónimos associados a estes contextos e estas condições. O Bairro Passa-fome, por exemplo, cuja denominação emerge de contextos em que muitos dos seus moradores se viam confrontados com muitas dificuldades de ordem alimentícia, enquadra-se no conjunto de topónimos em que as designações dispõem em si a realidade quotidiana e o contexto social. Quanto aos topónimos Bairro da Lixeira (em duas províncias, cf. Quadro 1), as designações surgem devido à falta de saneamento básico, por serem uma subespécie de aterro sanitário a céu aberto, a precariedade a que estão expostos os moradores também constitui uma marca no estilo de vida.

Topónimos associados ao bem-estar e tranquilidade

Ao contrário dos topónimos associados a ‘condições socioeconómicas e de precariedade’, estes sugerem uma vivência de bonança, esperança e paz. Os nomes dos bairros da Paz, Boa-vida e Passa-bem foram batizados devido ao fato de, inicialmente, tais bairros apresentarem aspectos pacíficos e paradisíacos em termos de ambiente por oferecerem esperança de vida melhor para as populações. Existe também outro bairro com a mesma designação, em Luanda, no município do Sambizanga, cuja origem reflete as mesmas circunstâncias e razões. Estes bairros, hoje, tornaram-se precários e servem como centro de realojamento a pessoas que deixaram de poder viver nos bairros mais ao centro da cidade de Luanda, muitos dos quais foram criados como assentamentos para as populações que estão mais à margem das prioridades do poder político.

Topónimos associados à beleza da paisagem e caracterização do solo

Comparado com os topónimos estudados até aqui, nota-se que estes são os que exigem menos exercício em termos de interpretação, tendo os mesmos sido batizados em função das características naturais. Evidentemente, os nomes Belo-monte e Bela-vista foram atribuídos em função de ambos estarem em pontos altos das respectivas cidades e, em consequência disto,

proporcionarem uma vista de cima privilegiada. Quanto ao Bairro Terra-vermelha, deve-se ao facto específico de a terra ser de coloração bastante avermelhada, diferente de outras zonas de Luanda, onde a terra apresenta uma tonalidade embranquecida, tal é o caso do Bairro Terra-branca.

Como noutros exemplos, as populações destes bairros também enfrentam grandes dificuldades sociais e económicas assim como sérias situações de saneamento básico. É de ressaltar, no entanto, que o Bairro Belo-monte abrange várias zonas e agrupamentos bastante precários, tendo emergido muito recentemente (desde a década de 2010) como assentamento de populações deslocadas de várias zonas de Luanda ou como recurso de outros populares à procura de terreno para a autoconstrução.

Topónimos associados a violência, estereótipos e sexualidade

Tal como registado nos topónimos associados a ‘religiosidade e moral’, neste caso, as circunstâncias e motivações assemelham-se. No que concerne ao topónimo ‘Tira-pistola’, o nome surge por razões explícitas. Segundo um relato direto ao Novo Jornal (edição de 2016), o bairro ficou consagrado popularmente como "Tira-pistola" porque houve, em 1986, uma contenda envolvendo várias pessoas numa rua, da qual teria saído alvejado mortalmente um senhor, ex-militar, o qual teria fracassado na tentativa de sacar a pistola que portava para se defender. A pistola com que foi morto e a que tentou sacar de forma vã constituem a motivação pela qual o local ficou marcado como "tira-pistola". A exemplo deste critério causa-efeito, algumas designações como Curva da Morte, no Namibe (Moçâmedes) e no Lubango (Huíla), Curva das Novidades, na Gabela (Cuanza Sul) e outras afins resultam de acontecimentos reiterados mas acidentais que motivam tais nomeações como um código "linguístico" de alerta.

Podendo muitos destes nomes denotar estereótipos marcantes ou ser uma espécie de aviso contra perigos, os topónimos aqui avaliados, na sua maioria, corroboram o pensamento de Cumbe (2016), segundo o qual “[*these names may warn against the danger of theft or rape*]”, o que vai ao encontro do que propõe Sterwart (1954), segundo o qual “[*all naming of places stems from one basic motive, that is, the desire to identify a place and thus distinguish it from others*]”.

Topónimos associados à referência numérica

Apesar de incluirmos poucos, sendo que registamos inúmeros, os topónimos desta natureza têm-se revelado de uso frequente, embora se observem amiúde em projetos urbanísticos recentes do Governo, também denominados condomínios. Em relação a esses topónimos, Carvalhinhos (2012) sublinha que tanto as letras como os números muitas vezes vão além da indicação dêitica, mostrando uma determinada ordenação de espaço.

Na sequência das designações numéricas, a relação dêitica estabelece uma referência do nome ao contexto a que se refere. Assim, os bairros "27" e "16" (comumente designados por "Nas 27" e "Nas 16") são assim denominados em referência ao número de casas que cada bairro possui, esse último exemplo servindo de explicação ao que Carvalhinhos denomina lógica interna de ordenação. A conceção que se tem dos topónimos de indicação numérica é uma das mais produtivas em Angola, entre os bairros oficialmente criados pelo(s) governo(s). Em Menongue, capital da província do Cuando Cubango, há também um condomínio com o nome "Nas 27", ao que se acrescem também dois bairros em Moçâmedes, capital da província do Namibe, chamados 'Nas 25 Casas' e "Nas 90 Casas", este último também conhecido como Bairro da Juventude.

Topónimos de natureza diversa

Neste grupo, reunimos alguns nomes que, por estarem isolados, não se refletem nas subcategorias apresentadas acima, no qual constam entre os quais os seguintes bairros: Cemitério, Cinco-fios, Ossos, Retornado, Rastas, Resistência e Banda-velha.

O Bairro do Cemitério é assim designado pelo facto de as casas serem erguidas numa zona que teria sido um cemitério. Na mesma linha de raciocínio, o Bairro dos Ossos e Bairro Cinco-fios compreendem a mesma natureza motivacional, dêitica e contextual. O primeiro emerge do facto de o espaço servir de aterro sanitário a grandes quantidades de ossos de animais abatidos para o consumo, provenientes de um talho aí situado. Já o segundo surge do facto de ter havido um poste de alta tensão que atravessava o vasto terreno pertencente a antigos camponeses que aí habitavam. Quanto ao Bairro do Retornado, foi concebido em contexto de reassentamento aos angolanos que outrora haviam fugido da guerra civil para países vizinhos com grande destaque à antiga República do Zaíre, agora República

Democrática do Congo (RDC). O facto de muitos cidadãos nacionais terem regressado à pátria com alguns hábitos e costumes desajustados à realidade local fez com que o nome até certo ponto fosse associado a vários estereótipos pejorativos.

Bairro dos Rastas, também conhecido como "Bairro Rasta", é um bairro que foi surgindo gradualmente com a congregação da comunidade rastafári luandense. Embora, inicialmente, o surgimento do mesmo estivesse centrado na cultura e comunidade rastafári, hoje, havendo uma diversidade cultural entre os moradores, o bairro apresenta-se como um dos mais precários e inseguros, pelo índice elevado de criminalidade. Quanto aos bairros a Resistência e Banda-velha, o primeiro remete para o simbolismo sobre as guerrilhas e como o nome explicitamente espelha "não-rendição" durante as diversas guerras que houve, primeiro contra o poder colonial e depois contra os sul-africanos. Por muito tempo foi empregue como grito de revolta entre os militares e militantes ligados ao MPLA durante a luta anticolonial. No segundo exemplo, o nome "banda", popularmente, em Angola, observado o conceito de lexicultura, remete para «zona, lugar, bairro, rua» denotando sempre sentido de pertença, de acolhimento, pelo que Banda-velha sugere (meu) bairro antigo, (minha) zona antiga, etc.

8. Conclusão

Tendo sido avaliados 34 topónimos, com base em classificações convencionadas por diversos pesquisadores, sistematizados por campo associativo e/ou campo semântico, data de origem, província, município, e embora estes sirvam apenas como amostra de uma realidade imensurável, os indicadores revelam alguns parâmetros entre as motivações no ato de nomear bairros populares nas periferias de muitas das principais cidades de Angola.

Estes parâmetros, pelo que se observou, decorrem do recurso à espontaneidade, onde os nomes podem ser atribuídos sem a necessidade de uma relação causa-efeito; do recurso à homonímia, sendo o nome do recurso à apropriação de nomenclaturas especiais que referem um marco histórico, como o Bairro Cassanje; e do recurso a circunstâncias determinadas pela causa-efeito, em que os factos e episódios mais marcantes são de tal maneira simbólicos que servem para confinar a história de um bairro a um par de palavras, como se de um código se tratasse.

Na pesquisa ficou demonstrado que a motivação de atribuir nomes aos topónimos aqui explorados se tem devido sobretudo a vários fatores de ordem social. Por outras palavras, o elevado índice de pobreza propicia o surgimento de inúmeros bairros de cariz popular, com vista a acudir às necessidades emergentes dos cidadãos que, muitas vezes, não têm fácil acesso ao sistema de serviços mais privilegiado. Acreditamos que alguns dos bairros, em função das necessidades dos populares, das circunstâncias que motivam a sua fundação, apresentam nomes que evocam a religiosidade, a precariedade, a desgraça (socioeconómica), incidentes, a violência, efemérides, que replicam um acontecimento fictício, nomes que eternizam nacionalistas, entre outros.

Agradecimentos

Aproveitamos este espaço para agradecer os pareceristas pelas sugestões de correção que permitiram o enriquecimento do trabalho. Agradecemos, de igual modo, a todos os que, anonimamente, relataram factos que contribuiriam para a conclusão da pesquisa.

Conflito de interesses

(X) Nós, Dinis Fernando da Costa e Hilton Fortuna Daniel declaramos não ter qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo.

Contribuição dos autores

Nós, Dinis Fernando da Costa, e Hilton Fortuna Daniel, declaramos, para os devidos fins, que não temos qualquer conflito de interesse, em potencial, neste estudo. Ambos participamos da conceptualização do estudo, metodologia, desenho do estudo, análise formal dos dados, análise estatística dos dados, aquisição de financiamento, administração do projeto, supervisão do projeto, coleta dos dados, geração dos dados, validação e edição dos dados. Deste modo, aprovamos a versão final do manuscrito e somos responsáveis por todos os aspectos do estudo, incluindo a garantia de sua veracidade e integridade.

Referências

Abranowicz, Z., & Dacewicz, L. (2009). *Urban Place names*. International Symposium. Research Institute for the Languages of Finland.

Basik, S. (2020). Urban Place names: Introduction. *Urban Sci.*, 4, 80.
<https://doi.org/3390/urbansci4040080>.

Carvalhinhos, P. (2012). Instituto Previdência, São Paulo: Memória(s) e Topónimos. *Anais do X Encontro do Celsul-Círculo de Estudos Linguísticos do Sul Unioeste-Universidade Estadual do Oeste do Paraná Cascavel* (1-17).

Cumbe, C. (2016). Formal and Informal Toponymic Inscriptions in Maputo. In L. Bigon (Ed.), *Place names in Africa. Colonial Urban Legacies, Entangled Histories* (pp. 195-205). Cham.

Dick, M.V.P. A. (1980). A Estrutura do signo toponímico. *Língua e Literatura*, 9(9), 287-293.

Dick, M.V.P. A. (2004). A Língua de São Paulo: A Fundação de Piratininga. *Revista USP*, 63, 36-63.

Dick, M.V.P. A. (1990). *A Motivação Toponímica e a realidade Brasileira*. Edições Arquivo do Estado.

Faggion, C.M., & Misturini, B. (2014). Toponímia e Memória: Nomes e Lembranças na Cidade. *Linha D'Água*, 27(2), 141-157.

Handcock, W.G. (2011). *An Introduction to geographical Names and the Newfoundland and Labrador geographical Names Board*. Department of Fisheries and Land Resources Government of Newfoundland and Labrador.

Helleland, B. (2002). The Social and cultural value of place names. *Eighth United Nations Conference on the Standardization of Geographical Names*. Berlin, 27 August/September 2002. E/ CONF.94/CRP. 106.

Junior, A.A. (1967). *Dicionário Kimbundu-Português: Linguístico, botânico, histórico*. Argente, Santos & C.^a, Lda.

Martins, R.M., & Sousa, A.M. (2017). A motivação toponímica na escolha dos nomes geográficos de origem indígena na Zona Rural da regional do baixo Acre. *Revista Tropos*, 6(2), 1-16.

Melo, P. A.G. (2017). Léxico toponímico: Nomes de motivações de natureza antropocultural na toponímia de Alagoas. *Revista de Estudos Acadêmicos de Letras*, 10(1), 45-62.

Nascimento, R.V. (2019). Povos e comunidades tradicionais: Apresentação de uma proposta pedagógica a partir do léxico toponímico Tocantinense. *Revista Philologus*, 25(75), 2588-2613.

Oliveira, L. R., & Isquerdo, A.N. (2017). Toponímia rural de acidentes humanos do Mato Grosso do Sul: motivações toponímicas e estruturas sintagmáticas. *Revista Uberlândia GTLEX*, 3(1), 58-77. <https://doi:10.14393/Lex5-v3n1a2017-4>.

Seabra, M.C.T.C. (2006). Referência e Onomástica. Múltiplas perspectivas em linguística: *Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística* (pp. 1953-1960).

Sousa, A.M. (2010). Toponímia e ensino: Propostas para aplicação no nível básico. <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigosteses/LinguaPortuguesa/toponimiaeensinopropostas.pdf>.(Acessado 01 Julho, 2020).

Stewart, G.R. (1954). A Classification of Place Names. *Names*, 2(1), 1-13. <https://doi:10.1179/nam.1954.2.11>.

Tentand, J., & Blair, D. (2009). Motivations for naming: a toponymic typology. *ANPS*, 2, 1-26.

Vicente, F.C.C. (2015). *Topónimos dos municípios e comunas do Cuando Cubango. Proposta de harmonização de grafia* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Nova de Lisboa.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.